

MOURARIA

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal <i>Bahia Hoje</i>		
Data <i>14/07/96</i>		
Caderno <i>12</i>	Página <i>3</i>	
Seção		
Assunto <i>Bairro</i>		

A Mouraria está fora do tombamento

A Mouraria é área de proteção ambiental e está fora do tombamento federal, mas é região que abriga muitos monumentos. A explicação é da diretora geral do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultura, IPAC, Adriana Castro. Ela diz ainda que a Baixa dos Sapateiros vem sendo beneficiada na medida que vai ser entrada para o estacionamento com capacidade para 450 veículos/hora que está sendo construído em terreno de desnível entre a baixa e o Centro Histórico.

Adriana Castro explica que os imóveis da Baixa dos Sapateiros têm alta mobilidade comercial e residencial, e enfatiza que "o governo espera que a comunidade comercial estimule-se a conservar os imóveis, sensibilizada pela influência do Pelourinho".

Adriana lembra ainda que o Pelô é

o centro mais antigo de Salvador, onde se registraram os primeiros assentamentos da cidade. "Tem outras áreas de alto interesse, mas pelo tombamento da Unesco convencionou-se chamar o Pelourinho de Centro Histórico. O sítio histórico começa, ao Norte, no Mosteiro de São Bento, estendendo-se até Santo Antonio Além do Carmo, ao Sul. No sentido Oeste tem a escarpa do frontispício da cidade, o Comércio, e a Leste a Baixa dos Sapateiros.

As intervenções no Centro histórico começaram em 1992 e desde então, quatro etapas foram executadas. O projeto está na quinta etapa, dividida em três lotes, dos quais o mais importante é o terceiro, com 48 imóveis, em fase de execução. Adriana explica que o principal da quinta etapa são dois quarteirões na Praça da Sé, e para viabilizar sua execu-

ção o IPAC está construindo um minishopping no Belvedere, para abrigar os comerciantes da Sé e Saldanha da Gama.

Em todo o projeto, desde 92, foram gastos R\$ 65 milhões de dólares, incluindo-se aí os gastos com a recuperação da Catedral Basílica de Salvador. Dona de uma arquitetura altamente significativa, tanto pela sua envergadura quanto pela beleza de suas proporções, a Catedral, construída pelos jesuítas no final do século XVI, está sendo recuperada pelo governo do Estado, a um custo total de R\$ 4 milhões.

De início, o trabalho visava apenas a reforma do telhado de 2.500 metros quadrados, mas uma análise mais detalhada do prédio mostrou que seriam necessárias outras intervenções para garantir a preservação do imóvel.

Largo da Palma sofre deterioração

Fora das luzes que ilumina o Pelourinho e ali centralizam todas as atenções, sítios históricos importantes como o Largo da Palma estão em acelerado processo de deterioração, sem qualquer esperança de recuperação. "Isso aqui é mais importante que o Pelourinho, mas ninguém faz nada", afirma Mário Rodrigues Costa, residente no local há 49 anos. Ele aponta para a placa afixada na parede do Convento da Palma e lembra: "foi aqui nesse sítio, em abril de 1625, que Tristão Nunes enfrentou os holandeses".

A região composta pelas ruas da Mangueira, Ladeira do Gravatá, Castanheda, e Mouraria, entre outras, está desvirtuada e marcada por lixo acumulado, insegurança e prédios semi-destruídos, alguns invadidos. Instituições

como a Faculdade Católica e o bloco Internacionais garantem intenso movimento de pessoas nas ruas, também tomadas por turistas em visitas à casa-cenário do filme "Dona Flor e seus dois Maridos", e o imóvel onde residiu o primeiro governador geral da Bahia, Thomé de Souza, na Ladeira da Palma, próximo à Praça dos Veteranos.

Mário Rodrigues da Costa informa que "durante o dia a tranquilidade é tanta que a gente pode até colocar cadeiras na porta e sentar para conversar com os vizinhos, mas à noite a situação muda". Apesar da proximidade do quartel da VI Região Militar e da Academia da Polícia Civil, a escadaria da Igreja da Palma é transformada em um grande "fumódromo", onde viciados e traficantes se encontram. Pessoas desaviadas que passam por lá acabam vítimas de assal-

tos ou agressão.

Na esquina da Rua da Castanheda, onde uma montanha de lixo aponta a irregularidade da coleta, o que restou de um imenso prédio, destruído por um incêndio há mais de cinco anos, ameaça tombar. Uma placa anuncia a venda, mas não atrai compradores. Ao lado, outro prédio, pintado de azul, também está sendo transformado em ruínas, mas mesmo assim foi invadido e serve de moradia para uma família descamisada.

Na Rua Luiz Gama, uma prova da ausência da administração municipal. Um Fusca, sem pneus, transformado em ferro velho ocupa o passeio, impedindo a passagem de pedestres. Falta conservação das ruas e junto ao meio-fio o mato cresce. Bares e barracas se multiplicam nas ruas, atraindo uma clientela estranha.